

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

Director-Presidente

DR. ALFREDO C. DE F. ALVIM

Redacção : RUA 7 DE SETEMBRO, 174

Officinas : RUA DO CARMO, 55-A

Gerente :

VELVA P. DE SÁ FREIRE

Assignaturas } um anno..... 9\$000
 } 6 mezes..... 5\$000

SUMMARIO

—	Reducção de escolas	Mestre Escola.....	Tres palavrinhas
—	Commemoração escolar da Batalha de Ayacucho	Othello Reis.....	Educação do homem e do cidadão
Victor Maurtua.....	Discurso proferido na escola «Republica do Perú»	Jonathas Serrano.....	Historia
Othello Reis.....	Contos... de um naturalista	Othello Reis.....	Geographia.
A. Joviano.....	Nomenclatura grammatical	Noemia Eloya e Inah	
O. Duque Estrada.....	Uniformização orthographica	Martini.....	Lingua Materna
		Olympia do Coutto....	Arithmetica

Reducção de escolas

A suppressão de dezoito logares de professores cathedricos do ensino primario, se realmente foi votada, pois ainda não veio a publico, á hora em que escrevemos, a lei orçamentaria do exercicio de 1925, é daquellas medidas que não encontram justificação, por maior que seja a boa vontade.

Em uma circumscripção onde ainda campeia o analphabetismo, como é infelizmente o caso, não obstante todos os progressos, no Districto Federal, só se comprehenderia o fechamento de escolas se ellas fossem já tão numerosas que não alcançassem frequencia, e o illiteratismo tivesse outras causas. Ora, isso não acontece nem mesmo na parte urbana, nos bairros mais bem servidos. Observámo-lo ainda no expirante anno de 1924, em caso bem caracteristico. Em um dos districtos onde abundam as escolas, todas relativamente proximas umas das outras, esteve na maior parte do anno lectivo fechado, por motivo de obras, um grande edificio. E' claro que em Março se distribuiram os alumnos pelas escolas proximas e seria de esperar permanecessem em branco os livros de matricula em vista da época tardia em que afinal se reabriu a escola.

Pois tal não succedeu. Rapidamente accorrem alumnos, sem prejuizo das escolas já em pleno funcionamento, obtendo se em pouco mais de quatro mezes cerca de 130 matriculas.

Isso acontecerá, nos tempos que correm,

qualquer que seja a época em que se abra nova escola e por mais escolas de que disponha o bairro.

Que dizer então da zona rural, onde as escolas são tão afastadas e escassas e os meios de communicação tão difficeis?

Mudassem-se, pelo menos, para as zonas afastadas do centro urbano essas escolas. Fechal-as é que nunca!

Ao lado da necessidade real de se multiplicarem as fontes do ensino, e de se levar este o mais possivel perto do alumno, não confiando demasiado na attracção que exercem as escolas mesmo através de longos caminhos, considere-se ainda o desestimulo, o desanimo da classe dos adjunctos, candidatos a justas promoções, os quaes vêem inesperadamente cerceadas as suas aspirações. Temos que o primeiro factor do progresso do ensino é a satisfação, é a alegria de seus funcionarios, e onde depositar esperanças se o funcionalismo technico assim vê cortadas as poucas probabilidades de melhora material? Ainda se se tratasse de sacrificio imposto pelas aperturas financeiras da municipalidade... Mas disso não se cogita, certamente, em uma lei de meios em que muitos funcionarios foram aquinhoados com melhora de vencimentos e em que a receita votada cobre folgadoamente as despesas.

1-IDÉAS E FACTOS

Commemoração escolar da Batalha de Ayacucho

NA ESCOLA REPUBLICA DO PERU' E NA LEGAÇÃO PERUANA

De todas as demonstrações exteriores da nossa adhesão entusiástica ao "Dia do Perú" a gloriosa jornada de Ayacucho—nenhuma devia ter sido mais grata ao coração do illustre representante da grande Republica, que a da instalação da "Escola Republica do Perú". Foi, pelo menos, por motivo dessa solennidade que o brilhante diplomata e homem de letras, Dr. Victor Maurtua, pronunciou o seu mais formoso discurso commemorando a grande data nacional.

Encantado pela manifestação infantil e interessado particularmente por aquellas tres centenas de crianças de cujos destinos é patrono o seu paiz, o ministro peruano e sua senhora solicitaram da directora que os levasse um dia á sede da sua legação.

Effectivamente, alguns dias depois, o elegante palacio da Praia Vermelha recebia a visita de grande parte dos alumnos da "Escola Republica do Perú" e Madame Maurtua, seu marido e o pessoal da legação exgotaram-se em amabilidades para com as professoras e seus discipulos.

A certa altura da carinhosa e alegre recepção, a adjunta, D. Francisca de Paiva pediu licença a Mme Maurtua para ir ao piano, acompanhada por um grupo de meninos que entoaram com grande entusiasmo o hymno nacional peruano.

Sorprehendida por aquella amavel lembrança da joven professora; presa da mais viva emoção por aquella delicada lembrança; revendo na letra do hymno as glorias de sua Patria e nos sorrisos infantis dos meninos brasileiros as bellezas physicas e moraes do seu paiz, do qual estava ao mesmo tempo tão distante pela saudade e tão perto pelos sentimentos despertados por aquellas melodias ma-

gicas, Mme Maurtua abraçou e beijou a nossa joven professora, e num gesto de inegualavel gentileza despojou-se do formoso collar de perolas que a acompanhava atravez da sua carreira diplomatica, e, passando-o para o pescoço da joven adjunta, pediu-lhe guardasse aquella lembrança como signal de gratidão pelos ineffaveis momentos de prazer patriótico que lhe proporcionara com os seus pequenos amiguinhos e alumnos.

Sentimos muito divulgar o bello gesto da distincta Senhora Victor Maurtua. Ella quizera bem conserval-o em segredo; mas se nós o quebramos aqui, não é por culpa senão de um mero acaso que nos trouxe ao conhecimento mais esse acto de distincta fidalguia da encantadora esposa do diplomata amigo, praticado para com uma joven patricia nossa cujas virtudes só são comparaveis á sua modestia e ao seu grande devotamento á educação das crianças confiadas ao seu carinho de professora e á sua dedicação á causa do ensino.

O discurso do Sr. Victor Maurtua

AO INAUGURAR-SE A PLACA DA ESCOLA «REPUBLICA DO PERU'», PRONUNCIOU O SR. VICTOR MAURTUA O SEGUINTE E FORMOSO DISCURSO, APPLAUDIDO COM ENTHUSIASMO PELA GRANDE ASSISTENCIA:

Exmo. Sr. Ministro das Relações Exteriores:

Exmo. Sr. Prefeito.

Sr. Director Geral da Instrucção.

Nada de mais feliz e de mais fecundo se podia idear que esta fraternização dos meninos das escolas americanas. Houve um tempo, que terminou em Ayacucho, em que se alliviavam os soberanos do antigo regimen para subju-

gar a liberdade dos nossos povos. Agora, porém, vivemos na America numa outra santa alliança, a verdadeiramente santa, a dos homens livres e que tem o seu sustento na cultura para a persecução dos grandes e doces ideaes da vida.

As gerações militantes não são sufficientemente maleaveis. A athmosfera em que temos crescido não nos permite uma plena saude espiritual. O passado impõe-nos suas inclinações. O exemplo de paixões e de lutas em outras sociedades infiltra-se nas almas e debilita a fibra moral dos nossos povos. A reacção contra tudo isso deve partir das novas gerações. Temos de infiltrar nellas a nova doutrina, fazel as respirar desde o berço um ambiente puro, preparal-as na infancia e na juventude para a convivencia dentro da ordem e da liberdade e para a sociedade internacional de amor e de justiça. Os homens serão os que são os meninos, as crianças. Os alumnos assim educados farão amanhã a obra plena que agora nós apenas podemos bosquejar timidamente e difficilmente porque as resistencias estão em nós mesmos.

Comnosco, Sr. Director, vossas idéas em materia de educação. Estudastes como ninguem os problemas da educação nacional brasileira e compraz-me dizer-vos que esses problemas são os mesmos existentes no meu paiz e na America inteira.

Nossas democracias não podem funcionar sem cultura. O professor tem que ser o primeiro funcionario das nossas Republicas. As instituições republicanas e representativas não são criação das Constituições.

Não são producto artificial do direito escripto. A sua essencia está na mentalidade esclarecida, no character, no coração sadio da cidadania. A escola é, desse modo, a chave da democracia. Se a America ha de ter republicas effectivas, deve construil-as com um trabalho tenaz e efficiente de formação humana, de difusão de luzes. Façamos do magisterio um sacerdocio, da educação publica um crédo, da escola um laboratorio de aptidões para a existencia honrada e fecunda dos nossos povos.

Queridos meninos! Sabeis o que é o Perú? E' uma nação irmã do Brasil. Lá, no meu paiz, ha meninos como vós

que estudam em seus textos a geographia da America. Quando chegam ao capitulo do Brasil, dizem: "Que paiz tão bello! Que paiz tão grande! Como a historia brasileira é tão nobre e tão brilhante!... Nunca o Brasil causou damno a outra Nação; nunca se limitou dentro do egoismo... Sempre foi generoso e heroico!"

Pois bem, queridos meninos: Quando fordes homens, tereis que manter esta boa fama do Brasil. Não penseis em guerra contra ninguem... Não ambiçioneis para o Brasil as glorias das batalhas. Sêde valentes, abnegados, heroicos se chegar o momento de defender a vossa Patria. A Patria é senhora das vossas energias até o ultimo alento.

Porém, pensae sempre que o vosso destino é viver em paz, ser justos, generosos e fazer com que o Brasil seja admirado cada vez mais como a Nação mais formosa das suas irmãs da America.

O Perú, queridos amigos, é uma Republica como a vossa; os seus filhos o querem. Quando forem homens, estender-vos-hão os braços. Os nossos dous paizes estão unidos pela Natureza. Conheceis em vossa classe de geographia, que o rio maior do mundo, o Amazonas, nasce no Perú e desemboca no Brasil. Essas aguas que vêm do Perú vos trazem um murmurio de amizade e de amor.

Correspondei ao affecto dos peruanos. Dizei sempre que sempre que um brasileiro e um peruano se encontrarem no caminho da vida, devem-se estreitar e ajudar como irmãos. O mesmo deveis dizer dos filhos de todas as Republicas da America.

Crianças: Sêde brasileiras e sêde americanas. Amai o Brasil e amai a America. Tendes presentes sempre: A vida foi feita para o amor; o odio e a colera são enfermidades; sêde razoaveis, trabalhadores, ordenados, amantes de vossas familias. Lembrai-vos durante a vida inteira dos vossos mestres. Toda a criança tem pais e mãis. O progenitor e a progenitora, veneraveis do lar que lhe dão o ser o sustento; o professor e a professora veneraveis da Escola, que lhe dão o pão do espirito e o preparo para a felicidade. Recordai-vos, queridos meninos, destes conselhos de um Ministro do Perú, admirador do Brasil e amigo vosso.

Recordai-vos que vos digo estas verdades no dia de Ayacucho, naquelle em que se celebra, não a batalha, não uma guerra que já estão esquecidas. O dia do Ayacucho, celebra a formação definitiva do lar americano feito pela abnegação e pelo heroismo dos seus filhos, para que reinem neste Continente a Liberdade, a Justiça e a Paz!"

Contos... de um Naturalista

Acompanho com grande sympathia a obra do naturalista patricio Rodolpho von Iehring, de São Paulo, e embora não tenha a satisfação de conhecê-lo pessoalmente tenho-o para mim nessa categoria de amigos distantes, que se abraçam com prazer quando apparecem. Appareceu-me agora o distincto paulista em elegante brochura da Editora Brazão, intitulada *Contos... de um Naturalista*. Trata-se de livro que reputo obrigação de quem o lê recommendal-o com informação leal, para servir ao proximo.

São artigos de jornal, pequenas chronicas e notas, destinadas á divulgação de conhecimentos zoologicos, artigos lavrados na linguagem clara e despretenhiosa dos verdadeiros sabios. Muito ha ahi que aprender, e aprender suavemente,

seja a respeito de formigas, seja sobre borboletas, mariposas, tico-ticos, urubús, pardaes, taturanas ou «bichos cabelludos» como dizem as crianças, seja ainda no que toca á nomenclatura zoologica em portuguez e ás deficiencias dos vocabularios usuaes.

Critico myope, de horizonte estreito, que tomasse o livro com aquelle espirito do famoso sacerdote da anedota, o qual, deante da maravilha architectonica que todos louvavam, só se maravilhou da inscripção latina do mostrador do relógio: — *Sum, es, fui com dois dativos!* — certamente descobrira antes de tudo os erros de linguagem.

Seria catar pulgas em leão, pois a propria lingua em que está vasada a obra me parece de correcção, sobriedade e elegancia que são raras nos escriptos scientificos.

O autor do *Livrinho das Aves*, do *Atlas da Fauna do Brasil* e d' *As Férias no Pontal* pode gabar-se de ter produzido obra interessantissima, que merece ser lida por professores e será devorada pelas crianças com o mesmo empenho com que se apaixonam pelos Julio Verne e pelos Conan Doyle. Digo-o por experiencia que fiz.

Queira, pois, aceitar meus sinceros parabens.

OTHELLO REIS

II — A ESCOLA

NOMENCLATURA GRAMMATICAL

Nestes ultimos tempos, os criticos do ensino da linguagem, professores e alguns autores de grammatica se têm occupado e esforçado pela simplificação e uniformização da nomenclatura grammatical, e, não ha muito, o Sr. Prof. Porto Carrero teve a iniciativa de reduzir a lista de varios nomes dispensaveis. Mas até agora não se organizou um systema racional e pratico que a todos contente e aproveite, de modo a facilitar e uniformizar a disciplina da lingua em todas as escolas do territorio nacional.

Quanto á uniformização, o problema nos parece de mais difficil solução, dada a variedade de termos novos que, dia a dia, são introduzidos na grammatica e modelos de analyse, tendo cada autor a velleidade de creal-os para cada uma das particularidades de fórma e expressão, que vão surgindo ou se vão descobrindo no seio da lingua.

Com esse prurido de especificação em assignalar minucias, casos de excepção e de applicação rara, o vocabulario grammatical cresce e diverge cada vez mais, tornando-se já regional a nomenclatura que o candidato a exames tem de preparar para cada uma determinada repartição do ensino, onde se adoptem as denominações mais ou menos gregas, latinas ou neologisticas que um certo autor de grammatica tenha engendrado para o estudo da lingua.

Entretanto, nos poucos termos da velha grammatica, precisos e tradicionais, mantidos até hoje nos cursos das linguas em outros paizes, temos tudo quanto é necessario e sufficiente para interpretar a linguagem, desde que este é o unico objectivo das analyses e classificações no estudo da mesma.

Ultimamente, nos livros do professor A. Joviano temos visto esta orientação, indicando o caminho para a desejada simplificação. Ainda agora tem elle no prelo, para sair este anno, um novo trabalho, PRATICA DO METHO-

DO ANALYTICO DA SENTENÇA, que é uma exposição de seus processos no ensino da linguagem, tendo em vista reduzir o vocabulario grammatical e fixar a nomenclatura usual, de preferencia no estudo da lingua.

Desse trabalho tem a *Escola Primaria* as primicias publicando abaixo um capitulo que muito interessará aos professores, pois que, exactamente, trata de uma das classificações que mais controversa, divergente e menos uniforme denominação tem tido nos cursos de Portuguez. Ao que se tem chamado, indifferentemente, *periodo*, *proposição* e *oração composta por subordinação e por coordenação*, confundindo-se esses termos na sua accepção, o professor Joviano chama simplesmente *sentença*, ora complexa ora composta, reduzindo tudo a um só termo significativo e preciso.

Eis o capitulo:

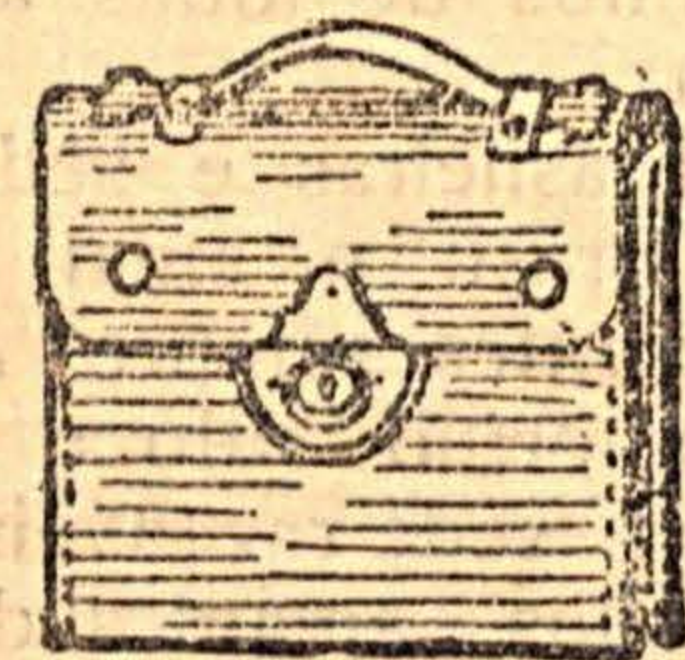
SENTENÇA COMPOSTA

— Paulo comprou hontem um chapéo novo, que não lhe serve.

Paulo comprou hontem um chapéo novo, mas este não lhe serve.—

Comparando os dois pensamentos acima expressos, verificamos que são identicos porque em ambos se trata da compra de um chapéo que não serve a Paulo. Comparando-lhes tambem a forma, notamos que ambos são feitos de duas proposições, havendo, porém, uma differença nos vocabulos iniciais das segundas de um e outro, onde tambem se acha a differença de expressão, que vamos assignalar.

O primeiro pensamento é uma sentença *complexa*, bem caracterizada, pois que sua segunda proposição—*que não lhe serve*, é parte integrante da primeira, que é a principal, por ser complemento adjectivo do substantivo *chapéo*, nesta empregado. Essa proposição não se perderá, por isso, desligar da primeira, sem perder a expressão que tem no pensamento.



CAIXA POSTAL 2.223

Casa Scorel

ARTIGOS PARA COLLEGIAES

RUA JOSÉ BONIFACIO, 18

S. PAULO

Chocolate e café Só
Fabrica — RUA DOS ANDRADAS

ANDALUZA
RIO DE JANEIRO

Entretanto, a segunda proposição do segundo pensamento não é elemento grammatical da primeira, podendo ser della desligada sem perturbação alguma da sua fôrma e expressão. Ponhamos um *ponto final* entre as duas proposições; ainda assim a segunda continuará sem alteração, o que não se daria com a segunda do primeiro pensamento, a qual se tornará inexpressível, a exigir outra para se lhe aggregar.

Descobrimos, então, que no primeiro caso ha uma sentença unica, trazendo uma proposição complementar, e no segundo são duas sentenças, que concorreram na expressão do mesmo pensamento, ficando a segunda dependente da primeira, não como elemento grammatical da mesma, mas presa a ella por exprimir um pensamento de *efeito contrario* ao seu—O mais commum e natural seria que Paulo comprasse um chapéo que lhe servisse; não lhe servindo, não o compraria. E' como se interpreta praticamente o effeito da segunda sentença.

E assim é muito commum se associarem num mesmo pensamento duas ou mais sentenças, desde que entre ellas haja qualquer afinidade de sentido, que concorra para o seu maior desenvolvimento, produzindo-se, então, a *sentença composta*.

— Não se distinguem palavras na canção do boiadeiro; nem elle as articula, pois falla ao seu gado com essa outra linguagem do coração, que enternece os animaes e os captiva. —

Aqui agora concorreram tres sentenças, as quaes devem ter entre si alguma afinidade, para se associarem formando assim uma sentença composta.

Realmente, na primeira sentença, que é a principal dellas, se diz que o canto do boiadeiro não se exprime por palavras: na segunda esse facto mais se confirma, uma vez que as palavras do canto do boiadeiro não são articuladas, e na terceira o autor justifica o pensamento das duas primeiras sentenças, esclarecendo que é pela voz do coração que o boiadeiro conversa com os animaes.

Temos, então, que o pensamento do boiadeiro cantar sem empregar pala-

avras é *confirmado* pelo da segunda sentença e *justificado* pelo da terceira, ficando assim evidente a afinidade que as associa, para constituirem um só periodo grammatical.

Dada assim a noção da *sentença composta*, vamos offerecer ainda exemplos mais extensos, para se ver que nessa construcção podem entrar sentenças simples e complexas, com qualquer numero de proposições complementares, articulando se ou não por conjuncções especiaes, as quaes lhes imprimirão o caracter da expressão com que concorrem para o pensamento geral, desenvolvendo, directamente ou indirectamente, o da primeira dellas.

As conjuncções mais communs na sentença composta são—*e, nem, ou, mas, isto é, logo, pois, por isso, entretanto, todavia* e outras, simples ou compostas. Casos ha, porém, em que as sentenças dispensam as conjuncções, e é quando sua significação é tão clara e evidente que a conjuncção seria superflua: — *o assassino havia commettido o crime naquelle momento; ainda estava com a mão tinta do sangue da victima*. A conjuncção *pois*, para exprimir que a segunda sentença comprova a primeira, é aqui desnecessaria.

Os casos mais communs de sentenças sem conjuncção inicial se observam quando a sentença composta se constitue de uma serie de factos, occorridos em conjuncto ou successivos, para um só effeito. Exemplos:

— «Aqui estou eu; sou o passado com toda a sua herança. Carrego sessenta e oito annos de serviços feitos á patria; defendi e amei a liberdade do meu paiz, amei-o loucamente na mocidade, subi pelos degraos da constituição, quero respeitá-la. Pois bem, não me arranqueis a memoria para que eu possa ao menos ter ainda saudades!» (José Bonifacio—Discursos)—

— «Nadava o dono longe da praia, sentiu perder as forças e gritou por soccorro. O cão, que estava em terra e não tirava os olhos d'elle, percebeu a voz e o perigo, mettu-se no mar, chegou ao dono, segurou-o com os dentes e restituiu-o á terra e á vida.» (Machado de Assis—A Semana)—

E' evidente que sómente os grandes escriptores, pela precisão das fôrmas de linguagem que sempre empregam, podem dispensar esses elementos de clareza, que são as *conjuncções*, como se vê nos seguintes exemplos:

— «Permanente como as grandes epidemias que devastam a humanidade, universal como o vicio, furtivo como o crime, solapado no seu contagio como as invasões purulentas, corruptor de todos os estímulos moraes como o alcool — o jogo zomba da decencia, das leis e da policia, abarca no dominio das suas emanações a sociedade inteira, nivela sob a sua deprimente egualdade todas as classes, mergulha na sua promiscuidade indifferente até os mais baixos volutabros do lixo social, alcança no requinte das suas seducções as alturas mais aristocraticas da intelligencia, da riqueza, da autoridade; inutiliza genios; degrada principios, emmudece oradores; atira á lucta politica almas azedadas pelo calistismo habitual das paradas infelizes, á familia corações degenerados pelo contacto quotidiano de todas as impurezas, á concurrencia do trabalho diurno os naufragos da noite tempestuosa do azar; e não raro a violencia das indignações furiosas, que vem estuar no recinto dos parlamentos, é apenas a resaca das agitações e dos destroços das longas madrugadas do cassino». — Ruy Barbosa (Discursos). —

— «Esse goso especial do politico na lucta dos partidos não o conheci; procurei na politica o lado moral; imaginei-a uma especie de cavallaria moderna, a cavallaria andante dos principios e das reformas; tive nella emoções de tribuna. por vezes de popularidade, mas não passei dahi, do limiar; nunca o officialismo me tentou, nunca a sua deleitação me foi revelada; nunca

renunciei a imaginação, a curiosidade, o dilettantismo, para prestar sequer os primeiros votos de obediencia; só vi de muito longe o ve jacinth e a purpura do Sanctum Sanctorum — (tão de longe, que me pareceu um velho reposteiro verde e amarello)— por traz do qual o Presidente do Conselho contempla sosinho, face a face, a magestade do poder moderador». (Joaquim Nabuco — A minha formação). —

Note-se que, nos dois exemplos acima, o primeiro com onze e o segundo com nove sentenças, a ausencia das conjuncções em nada prejudicou a clareza de cada pensamento; ao contrario, as sentenças que entraram em cada uma das duas sentenças compostas são por isso mesmo mais precisas, mas vibrantes, como convem ao assumpto das mesmas.

Devemos aqui prevenir que as conjuncções e as formas caracteristicas das proposições complementares são muitas vezes empregadas nas sentenças compostas, com accepção differente, constituindo isso uma difficuldade para os estudantes de linguagem, que não tenham a experiencia de distinguir o valor das proposições por meio de sua interpretação. Nos seguintes exemplos temos sentenças compostas e não sentenças *complexas* de uma principal e suas complementares:

— Todos os alumnos vieram cumprimentar a professora, *sendo que* (é de notar que) muitos lhe trouxeram flores.

— Poucos dos soldados, mandados reconhecer o campo inimigo, voltaram ao acampamento; *verificando-se* então (verificou-se então) o perigo que nos ameaçava.

— O rapaz pôe fóra em diversões futeis todo o seu dinheiro, *pelo que* (por isso) está sempre a pedir empregado.

— Já se alistaram nas fileiras republicanas monarchistas dos mais dedicados ao imperador, *havendo* (e ha) entre esses muitos senhores de escravos.

—O pequeno Jonas não perde um dia de escola, e a professora dá-lhe sempre boas notas; *quando* (entretanto) seu irmão, o Pedrinho, é um vadio de marca.

Já se vão trinta e tantos dias que não chove, e as plantas estão morrendo; *donde* (disso) colligimos que teremos este anno grande falta de cereaes.

—Festas, bailes e mais festas! Não sei onde iremos com tantas despesas; *porque* (além de tudo) afinal não somos nós gente abastada...

Ha ainda um facto interessante a notar na constituição das sentenças compostas, o qual é o de serem, ás vezes, communs alguns dos elementos constitutivos das suas proposições, e neste caso elles são expressos em uma, faltando nas outras. Ha nisto economia de palavras, sem prejuizo da expressão, a qual ao contrario se torna mais breve e prompta. Exemplos:

—As meninas faziam seus exercicios a penna; os rapazes a lapis (faziam seus exercicios).

—Nos dias quentes tomavam os banho na praia do Flamengo, mas nos frios (dias), não. (tomavam os banhos na praia do Flamengo).

—Quando o commerciante sae á rua, não toma o bond; manda vir um carro (quando o commerciante sae á rua.)

Ao contrario do que acabamos de ver, as sentenças tornam-se ás vezes mais extensas do que as communs, por se lhes intercalarem proposições, que são elementos extranhos á sua estrutura; mas ahí entram como esclarecimento em separado ou circumstancia particular do pensamento expresso e são assignaladas entre virgulas ou por parentheses.

—Não continuarás, dizia-lhe o pae ante-hontem, a privar com semelhantes amigos

—Sahimos juntos pela rua do Pas-seio abaixo (reórdo-me que passava-

mos por aquelle renque de casebres encostados ao paredão do recolhimento d'Ajuda, e iamos caminhando a pè, ao longo delles)

Uniformização ortographica

Direi que, salvo alguma deslealdade dos adversarios, a tarefa incumbida á commissão é apenas a de UNIFORMIZAR A GRAPHIA ACTUALMENTE USADA NO BRASIL, isto é, ACABAR COM AS DUPLICIDADES, INCOHERENCIAS, HESITAÇÕES E DISPARATES, QUE A CADA PASSO E POR TODA PARTE, SE OBSERVAM, DESDE MUITO, NA MANEIRA DE ESCREVER CERTAS PALAVRAS, taes como *phantasia* e *fantasia*, *visinho* e *vizinho*, *dizelo* e *dizê-lo*, etc.

Aqui deixo, para exemplo, algumas regras, que não precisam de ser insinuadas, porque a maioria da Commissão naturalmente as formulará, ainda que por outros termos:

1) Escrever sempre *Brasil* (com *s*), acabando de vez com a incoherencia e duplicidade criadas com a cacographia *Brazil*.

2) Escrever sempre com *z* o suffixo *izar* dos verbos da 1ª conjugação (*harmonizar*, *rivalizar*, etc.), evitando-se a confusão com o simples suffixo *ar* de *irisar*, *analysar*, etc., em que o *s* está no radical desses verbos, e não no suffixo (*analys+ar*, *iris+ar*, etc.)

3) Preferir as fórmulas *criar*, *criado*, *criança*, ás duplas *crear*, (imitado do francez *créer*), *creado* *creanca*, etc.

4) Escrever *estadual*, *carruagem*, *casual*, etc., derivadas directamente de *statu*, *carru* e *casu*, e não das fórmulas vernaculas *estado*, *carro* e *caso*, como erradamente pensam e affirmam ignorantes e leigos em taes assumptos.

5) Determinar os casos das graphias *i* e *y*, desfazendo as muitas e constantes confusões existentes.

6) Distinguir o ditongo *ai* da segunda pessoa do plural do presente do indicativo nos verbos da primeira conjugação, do ditongo *ae* da 2ª do imperativo dos mesmos verbos, tão nitidamente

como os distingue a etymologia: AMA (t) IS=AMAS, AMA (t)E=AMAE.

Do mesmo modo *pae* e *mãe*, e nunca *pai* e *mãe*.

7) Diferenciar *ão* de *am*, reservando o segundo apenas para o final das fórmulas verbaes não oxytonas, e proscrevendo as graphias ESTEVAM CHRISTOVAM, etc.

8) Acabar com as horripilantes cacographias semi-officiaes *Sylogêo Lycêo* e quejandas, substituindo-as pelas verdadeiras graphias SYLLOGEU, LYCEU, ATHENEU, etc.; e bem assim as de *cêu*, *vêu*, etc., substituindo-as pelas fórmulas *céo*, *véo*, etc., e fixando o emprego de *éo* em vez de *eu* para todos os casos em que se verificar a pronuncia de *é* aberto (*chapéo*, *réo*, etc.)

9) Escrever com *ou* as fórmulas correspondentes ao ditongo latino *au*: *pouco* (de *paucum*), *louro* (de *laurum*) ouro (de *aurum*), *cousa* (de *causam*), *mouro* (de *maurum*), etc.; respeitando a graphia *oi* nas palavras em que o ditongo tiver resultado do alongamento da vogal em consequencia da queda da consoante media: *o(c)to*= *oito*; *no(c)te* = *noite*; *bisco(c)tum* = *biscoito*.

Excepções: *douto* e *doutor*, consagrados pelo uso e pela prosodia seguida no Brasil.

10) Repellir as innovações *almoço*, *pessegos*, *çapato*, *ansia*, *dossel*, etc.

Em *pecego*, que é a graphia geralmente adoptada, prevaleceu a influencia da fórmula arabe *al perche*; em *çapato*, o ç inicial repugna ao genio da nossa lingua; nas restantes a confusão está desde muito estabelecida e tende a prevalecer definitivamente.

11) Conservar a graphia de *z* em *portuguez*, *francez*, *mez*, etc., que não obstante a terminação *ensis* do latim, são fórmulas crystallizadas e muito mais de accôrdo com a indole da lingua do que as de *português*, *francês*, *mês*, etc., que quasi ninguém escreve.

12) Conservar os tres accentos já existentes (*agudo*, *circumflexo*, e *til*) não admittindo a introdução do accento *grave*, adoptado pela reforma portugueza, mas antipathico e contrario á indole da nossa lingua.

13) Adoptar, como até aqui, as graphias *amal-o*, *dizel-o*, *feril-o*, e não *amá-lo*, *dizê-lo*, *feri-lo*, etc., como querem os

reformadores de Lisbôa e os seus phonographos no Brasil.

Não convence a argumentação de que uns e outros se servem para provar que em *amallo*, *dizello* e *ferillo* (fórmulas intermediarias) foi o primeiro *l* o que desapareceu, e não o segundo.

Mais racional parece a queda do segundo, não só por inutil para a verdadeira pronuncia, como ainda em virtude da transformação que nesses e em outros casos se operou na simplificação evolutiva do artigo *lo* em *o*: dispensando-se, além de tudo, o accento intruso, artificialmente collocado na segunda syllaba, para corrigir a prosodia de *amal-o*, *dizel-o*, etc.

Quando, porém, ambas as doutrinas possam ser igualmente sustentadas, deve prevalecer o uso geral, e não o criterio de uma insignificante minoria de grammaticos e theoristas.

Outros muitos pontos serão naturalmente ventilados pelos verdadeiros philologos da commissão.

(Do livro «Critica e Polemica» de Osorio Duque-Estrada).

Tres Palavrinhas

ARRATEL. — E' palavra paroxytona. Quem é oxytona é a palavra *carretel*, com a qual esta não tem parentesco algum. E' de origem arabe, e significa o peso de 16 onças no antigo systema portuguez. Causa estranheza a accentuação porque parece que não existe outro trissyllabo terminado em *l*, não oxytono.

ASSECLA. — O sequaz, o partidario de alguém. Correntemente é esta palavra pronunciada *assécla*, mas a verdadeira accentuação latina, que se deve manter é *ássecla*. Os dictionarios de Moraes e Figueiredo registam o termo com a boa prosodia; Adolpho Coelho com a erronea; em Aulete não figura.

EMPIGEM. — Ou *Impigem*. Assim é que se diz, e não *impingem*, ou *empingem*, como chama o povo a certas affecções cutaneas. *Empigem* vem de *Impetigo*, *inis*, mas para o vulgo não é *impigem* apenas a doença denominada *impetigo* pelos dermatologistas, mas em geral toda placa duradora que apparece na pelle.

Correspondencia de Tres Palavrinhãs

D. R. — Com muito prazer lhe forneço as indicações que pede. Ha anno e meio, desde Julho de 1923, que manteenho esta secção. As palavras de que tenho tratado em cada numero vão abaixo enumeradas. Indico tambem os mezes em que foram publicados os respectivos artiguetes.

Saca-rolhas, telephonema, impermeavel, Julho 1923.

Fac simile, specimen, elite, Agosto 1923.

Alacre, garrulo, garrido, Setembro 1923.

Bonachão, cacaréu, postergar. Correspondencia: por *lhe* ver derramar uma lagrima; *é que, foi que*. Outubro 1923.

Libellula, lança-perfume, delta. Correspondencia: *por mais que, por menos que; até que*. Dezembro 1923.

Dandy, refem, subentender. Correspondencia: *Vamos que...* Janeiro 1924.

Egide, levedo, inerme. Correspondencia: *por inzeemplo, poblema; Guaira; estrangeirismos*. Fevereiro 1924.

Compar, hilare, irritado. E mais: *impar, dispar*. Março 1924.

Novel, exodo, orago. Correspondencia: *abrupto, belgo-brasileiro*. Abril 1924.

Braguilha, lidimo, opimo. Correspondencia: *sarampão* e Meyer-Lübke. Maio 1924.

Transido, despencar-se, homizio. Junho 1924.

Gracil, decano, arcano. Julho 1924.

Anemona, lumbago, voluta. Correspondencia: Henrique, dizem que segundo... Agosto 1924.

Parlamentar, sumptuario, vultuoso. Setembro 1924.

Espontaneo, Olympiadas, ephemeride. Outubro 1924.

Conjuge, superstite, esquirola. Correspondencia: *ganhar de; arrumar*. Novembro 1924.

Um Estudantino. (Antonina). — Foram-me presentes suas cartas em começo de Dezembro, quando o numero de Novembro já se achava paginado, e por isto só hoje lhe posso dar resposta.

Seria muito longo tomar cada um

de seus exemplos e classifical-o. Faço, pois, abaixo, um resumo da doutrina a respeito do gerundio, com o que, supponho, não de ficar satisfeitas as suas duvidas.

O gerundio pode ser usado: *a)* junto a certos verbos auxiliares, formando conjugações periphrasticas; *b)* como verbo absoluto, autonomo, isolado, ou independente. Examinemos a primeira hypothese. Os auxiliares mais frequentes são: *estar, andar, ir, e vir*. A conjugação periphrastica assim formada indica ou um momento rigoroso, ou uma continuidade, ou uma repetição. Exemplos: *Está chovendo*. — *Estás ouvindo* o estrondo dos tiros? — Os gallos *estão cantando*. — *Estou sentindo* cheiro de ammonia. — *Luzia está chorando*. — *Estou estudando* os costumes dos indios. — *Maria está envelhecendo* rapidamente. — *Andas falando* mal de Pedro. — *Andaste espiando* pelos cantos. — As chuvas *vão alagando* os campos. — O tempo *vinha melhorando*.

Si se trata ou não de conjugação periphrastica é facil conhecer: quando é conjugação periphrastica, pode-se fazer a substituição por uma forma simples: *Maria está envelhecendo*, ou *envelhece*. — *Está chovendo*, ou *Chove*. — *Andaste espiando*, ou *Espiaste*, e assim por deante.

Examinemos a segunda hypothese: gerundio absoluto. Ahi, algumas vezes o gerundio pode ser desdobrado em oração subordinada temporal, outras em subordinada modal, outras em subordinada causal, condicional, etc. Quando indica tempo, tanto se pode desdobrar com os connectivos *emquanto*, ou *ao mesmo tempo que*, como com os connectivos *logo que, depois que, quando*, etc. Note que nem sempre é facil distinguir si se trata de *tempo*, ou de *modo*, e que quando se trata de *modo*, nem sempre é possível, desdobrar a oração de gerundio: percebe-se que seria possível desdobral-a, mas não se acha a expressão exacta, que convem.

De outras vezes, não ha circumstancias de tempo, modo, causa, ou condição, e o gerundio equivale a mera oração coordenada, cujo connectivo é a conjunção *e*.

Exemplos da segunda hypothese: *Chorando*, pediam que as mandassem

embora. — Isto *dizendo*, levantou-se o capitão. — *Levantando* a ponte, impediram a passagem. — *Confiando* em ti, espero que me serás favoravel. — *Sendo* já tarde, não convem que fiques. — *Chovendo*, não irei. O primeiro exemplo e o segundo denotam *tempo*; o terceiro, *modo*; o quarto e o quinto, *causa*; o sexto, *condição*. Exemplos de gerundios equivalentes a orações coordenadas additivas: O navio entrou no porto, *salvando* logo (*e salvou*). — Seguiu-se o jantar, *acabando* o dia com um grande baile (*e acabou...*).

Quasi tudo isto que ahi está acha-se perfeitamente explicado e ainda mais desenvolvido na Grammatica Secundaria da Lingua Portugueza, de Said Ali, que lhe recommendo.

M. E.



Elite Hotel

O que mais conforto offerece aos senhores veranistas
Na melhor de todas as estancias hydro-mineraes do Brasil

Rivalisa com os mais modernos hotéis do Rio e S. Paulo

Apartamentos luxuosos, amplamente ventilados e dotados de installações electricas agua corrente, etc.

Em todas as peças do edificio predominam a elegancia e o bom gosto

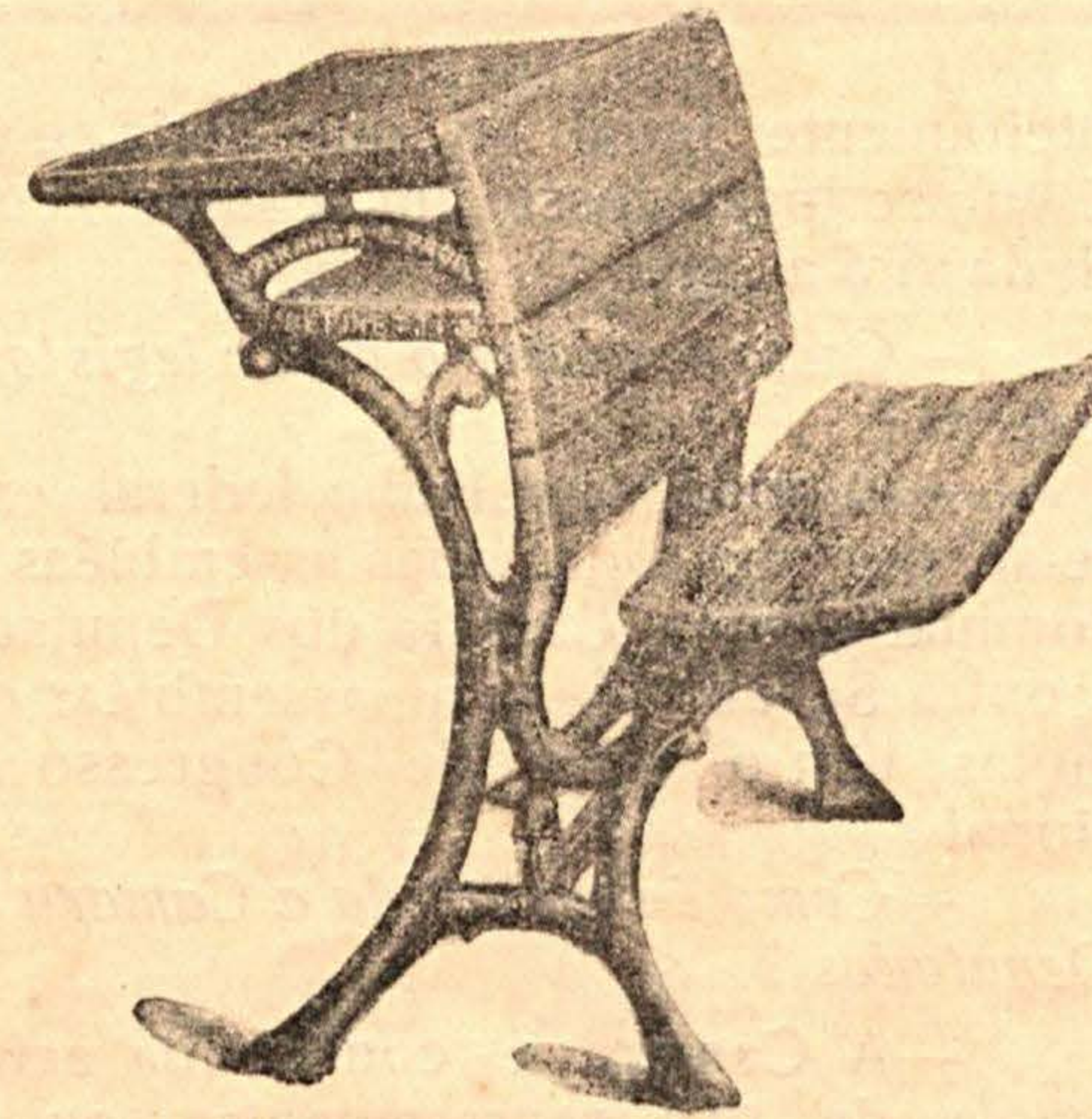
Para mais informações dirigir-se ao proprietario:

Julio de Andrade Lemos

Os professores gozarão de uma razoavel reduccão nas diarias

CAMBUQUIRA
E. F. Rêde Sul-Mineira

Carteira Escolar "Modelo Ypiranga"



Comprehendem 5 vantagens:

-Durabilidade — Protecção-

Apparencia — Elegancia

Economia

PEÇAM CATALOGO ILLUSTRADO

FABRICANTES:

José Refinete & Comp.

Av. Rangel Pestana, 128 -- S. PAULO

Caixa Postal n. 486

III - LIÇÕES E EXERCÍCIOS

EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

Poderes Federaes e Estaduaes — Poder Legislativo

— Qual a missão do governo ?

— O governo possui uma triplice missão: 1º fazer as leis, 2º assegurar a execução das mesmas leis, 3º reprimir ou impedir os attentados contra essas leis.

— Estão as tres funcções reunidas em uma só mão ?

— Não. Compreende-se que não seria bom que uma unica pessoa enfeixasse em suas mãos tanto poder. As tres funcções acham-se distribuidas por tres órgãos geraes do paiz, ou da autoridade.

— Como se chamam os órgãos fundamentais da autoridade do paiz ?

— Os tres órgãos fundamentais denominam-se *poderes*. São tres subdivi-

cialidade dos que podem usar da autoridade.

Se um só homem fosse depositario de todos os poderes, estaria mais exposto a errar, commettendo violencias, ou submittendo-se ás ameaças da força ou ás tentações da lisonja. Estaria mal exposto a se corromper e a fazer o mais.

— Ha os tres poderes tanto no governo federal como nos estaduaes ?

— Sim. Ha no governo federal os tres poderes, e tambem os ha em cada governo estadual, bem como no Districto Federal.

— Não ha differença nenhuma entre os poderes no Districto Federal e os poderes nos Estados ?

— Ha differenças, resultantes da situação politica especial do Districto Federal. Nenhum dos tres poderes é, ou na sua constituição ou nas suas attribuições,

A lei é a expressão livre e solemne da vontade geral; é a mesma para todos, quer quando pune; não pode ordenar senão o que é justo e util á sociedade; não pode prohibir senão o que lhe é nocivo.

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM E DO CIDADÃO, 1793.

sões da *autoridade*, ou do *poder* em geral.

— Quaes são os tres poderes nacionais ?

— Os tres poderes pelos quaes se exerce a autoridade do governo são: o legislativo, o executivo, e o judiciario.

— Como são os tres poderes, cada um em relação aos outros ?

— Os tres poderes são separados, independentes, ou autonomos, mas devem exercer-se harmonicamente, pois todos têm um objectivo fundamental commum: o bem geral do paiz.

— Quaes as vantagens da separação dos poderes ?

— A divisão do trabalho do governo faz que uns detentores da autoridade sejam acompanhados e fiscalizados pelos demais, e isso dá ao povo a garantia da honestidade, da serenidade e da impar-

inteiramente igual ao que seria se esta circumscripção fosse um Estado, como ainda virá a ser.

— Como se exerce o poder legislativo federal ?

— O poder legislativo federal exerce-se por meio das duas assembléas denominadas uma, Camara dos Deputados, e outra Senado Federal, assembléas que, juntas, têm o nome de Congresso Nacional.

— Como é constituída a Camara dos Deputados ?

— A Camara é constituída actualmente de 212 representantes, ou Deputados, eleitos pelos Estados e pelo Districto Federal.

— Como são escolhidos os deputados ?

— Os deputados são eleitos por suffragio directo do povo; quer dizer que o povo vota directamente naquelles que

julga devem ser seus representantes. Os que em cada Estado e no D. Federal obtêm maioria de votos são os escolhidos e occupam as cadeiras na Camara, onde tomam parte directa no governo do paiz.

— Quantos deputados dá cada Estado ?

— O numero de deputados de cada unidade da Federação depende de sua população. Deve corresponder, segundo determina a Constituição, um deputado federal a cada 70.000 habitantes, mas nenhum Estado pode ter menos de quatro. Actualmente os deputados são 212, assim distribuidos: Amazonas 4; Pará 7; Maranhão 7; Piauí 4; Ceará 10; Rio Grande do Norte 4; Parahiba 5; Pernambuco 17; Alagoas 6; Sergipe 4; Bahia 22; Espirito Santo 4; Rio de Janeiro 17; Districto Federal 10; São Paulo 22; Paraná 4; Santa Catharina 4; Rio Grande do Sul 16, Minas Geraes 37; Goiaz 4; Mato Grosso 4.

— Esse numero está de accordo com a população actual dos Estados ?

— Não; o numero de deputados deveria ser augmentado, de accordo com a população, mas não tem sido opportuno tratar desse augmento.

— Por quanto tempo são eleitos os deputados ?

— Os deputados são eleitos para um periodo de tres annos.

— Como se chama esse periodo ?

— Esse periodo chama-se uma legislatura.

— Podem os deputados ser reeleitos ?

— Os deputados podem ser reeleitos

quantas vezes o entenderem seus eleitores.

— Quaes as pessoas do povo, que concorrem para eleger os deputados ?

— Todos aquelles que forem cidadãos brasileiros e se tiverem habilitado de accordo com as leis, obtendo um titulo de «eleitor», podem dar o seu voto para a escolha dos deputados.

— Quem pode ser deputado ?

— Só pode ser deputado quem fôr cidadão brasileiro, no gozo de seus direitos civis e politicos.

— Como se sabe quem é que está no gozo dos direitos civis e politicos ?

— A constituição e outras leis determinam as condições, que seria longo explicar aqui. Mais tarde estudaremos o assumpto.

— Gozam os deputados de alguma prerogativa especial ?

— Os deputados não podem ser presos nem processados criminalmente, sem licença prévia da Camara, salvo quando apanhados em flagrante, nos crimes denominados inafiançaveis, isto é, crimes que não se admite fiança para o accusado permanecer solto até o julgamento.

— Ganham alguma remuneração os deputados ?

— Os deputados, durante o tempo das sessões da Camara, vencem um subsidio pecuniario e uma ajuda de custo. As quantias são fixadas pelo proprio Congresso, no fim de cada legislatura, para a legislatura seguinte.

OTHELO REIS.

— CASA CIRIO —

Grande sortimento de artigos dentarios

Perfumaria e cutilaria
finas

Importação directa dos Estados Unidos e Europa

Julio Berto Cirio

RUA DO OUVIDOR, 183

Telephone N. 1317 Norte—Caixa Postal n. 15

END. TELEG. CIRIO

RIO DE JANEIRO

HISTORIA E GEOGRAPHIA

HISTORIA

7º ANNO

AS GRANDES INVENÇÕES E O ESPIRITO DOS GRANDES DESCOBRIMENTOS. INFLUENCIA MORAL QUE OS GRANDES VULTOS DA HUMANIDADE TEEM SOBRE A VIDA DOS POVOS.

Ja em nossos dias se faz a devida justiça aos esforços dos homens da Edade Media, nem se repete mais levemente, entre gente de responsabilidade, que o periodo medieval tenha sido, da queda do imperio do Occidente até á do imperio do Oriente, uma longa e tenebrosa noite de ignorancia e de superstições.

As invasões barbaras haviam destruido o Imperio Romano e com elle desaparecera o esplendor da civilização greco-latina nas sciencias, letras e artes. Apesar disto, graças a sua admiravel posição geographica, Constantinopla escapava ás invasões, resistindo até 1453 e perpetuando até o fim da Edade Media os restos do extincto imperio romano. Ahi, na côrte byzantina, conservaram-se os thesouros literarios da antiguidade e floresceram as artes, como no-lo prova a egreja da *Santa Sophia*.

Tambem os Arabes, mais tarde, com as suas conquistas, ainda que não tivessem uma civilização rigorosamente sua e original, prestaram relevantes serviços como intermediarios entre a Asia e a Europa e reuniram e depuraram o que havia de melhor na cultura de varios povos conquistados.

Mas a civilização propriamente caracteristica da Edade Media e dos Tempos modernos, que se foi desenvolvendo aos poucos do seculo V em diante, inferior em alguns pontos de ordem material ás antigas, mas a todas superior na ordem moral, é a civilização christã, resultante do influxo da Egreja no mundo barbafo e nos restos do mundo romano.

A escassez das obras, o elevado custo do pergaminho e o serem manuscritos os livros—tudo concorria para dificultar e encarecer os estudos. Era nos mosteiros e escolas episcopaes que se ministrava a instrucção. Eram frades

e irmãos leigos os que em geral se occupavam em copiar e illuminar os manuscriptos.

A auctorizada opinião de Lavisse, o eminente mestre francês, nos mostra o quanto se esforçaram esses obreiros obscuros da Edade Media, tantas vezes injustamente julgados:

«O amor da sciencia triumphou comtudo da insufficiencia dos meios de instrucção que a sociedade proporcionava aos sabios desse tempo e poucas epochas houve em que o gosto do saber tanto se tinha espalhado como na Edade Media.»

Do seculo XI em diante ha verdadeiro renascimento na instrucção; até o principio do sec. XII os unicos centros de cultura intellectual eram os mosteiros e escolas episcopaes. Começam então a florescer as Universidades. Com a introducção do papel de trapos e com a invenção da imprensa o ensino e a diffusão das ideas tomaram notavel incremento.

Os antigos empregavam o papyrus e o pergaminho, pois não conheciam ainda o processo de fabricaçã do papel. Mas o pergaminho — feito de pelles de animaes para tal fim preparadas — era de elevado custo e assim se comprehendia que chegassem os homens da Edade Media a pagar o texto primitivo de alguns pergaminhos para empregar este em novas copias. Dahi os chamados *pallimpsestos*. Tem-se conseguido ler o texto primitivo de alguns desses pergaminhos apagados, com maior ou menor difficuldade. Assim se descobriram textos antigos, já considerados como perdidos definitivamente. E' o caso de uma obra importante de um jurisconsulto romano: os *Commentarios* de GAIO.

Foram os Arabes os introductores do papel feito de trapos, cuja fabricação tinham aprendido com os Chineses. O uso da roupa branca no sec. XIV se tornou geral e facilitou bastante a obtenção de papel de trapos a preços mais razoaveis.

Quando os livros eram todos escriptos a mão, isto é antes de haver imprensa, bem se comprehende a difficuldade de reproduzir uma obra de maiores

proporções. Só os ricos podiam ter bibliothecas, dado o preço e raridade dos exemplares. A *xylographia* — (sec. XIV) — procurou melhorar a situação. Era a escripta em madeira, gravando-se numa taboa a pagina que se queria reproduzir e passando-se tinta, para depois applicar a folha de papel. Era um processo lento, difficil e caro.

Por ahi melhor se pode avaliar a importancia da invenção de Gutenberg. Os caracteres de madeira, separados e moveis, que se empregavam no principio do sec. XV, logo se gastavam. O grande moguntino ideou typos de metal, de uma liga de chumbo e antimonio. Associou-se a uns amigos e conseguiu, através de mil obstaculos, imprimir uma Biblia, em latim. Era na verdade uma extraordinaria prova de perseverança e de fé na sua propria invenção. E Gutenberg é tanto mais digno da nossa admiração e reconhecimento quanto é certo que, victima da inveja — como varios dos grandes bemfeitores da humanidade—morreu pobre e esquecido.

A imprensa foi, sem duvida, a maior das invenções do periodo de transição da Edade Media para os tempos modernos. Basta considerar que foi uma das causas poderosas da Renascença literaria, vulgarizando as obras primas de Grecia e Roma, barateando e espalhando o ensino, dando origem ao admiravel surto dos livros, revistas e jornaes em nossa epocha.

Outra invenção notavel foi a bussola. E' provavel que os Chineses tambem a tivessem conhecido e que por intermedio dos Arabes chegou ella aos marinheiros do Mediterraneo. A forma primitiva da bussola era assás incommoda: a agulha imantada, posta numa palhinha ou pedaço de cortiça, fluctuava em azeite ou agua. Por volta do sec. XIV foi que se imaginou o emprego de um quicio ou eixo metallico em torno do qual a agulha pode mover-se livremente. A bussola permittia aos navegantes a travessia do oceano, sem receio do afastamento das costas e não tardaria muito que a audacia de Colombo descobrisse a America. Em breve se faria a primeira viagem ao redor do globo, com Fernão de Magalhães, portuguez ao serviço de Espanha.

Portuguezes e Espanhoes são aliás os dois povos que mais se distinguem nos grandes descobrimentos do seculos

XV e XVI. Os horizontes do mundo até então conhecido dilatam-se graças aos feitos de Vasco da Gama e de Christovão Colombo. Aquelle chega por mar á India, circumnavegando a Africa e provando a continentalidade do Velho Mundo—Europa, Africa e Asia; o illustre Genovês, procurando o oriente pelo occidente (pois admite que a terra é espherica) descobre, sem o suspeitar, o Novo Mundo.

Dos dois cyclos de navegação resulta o descobrimento do nosso proprio país. O Mediterraneo deixa de ser o centro do mundo conhecido. O commercio desloca-se e dilata-se. Novos productos entram em circulação. A geographia e outras sciencias sentem as consequencias de taes successos. Novos scenarios se abrem á catechese e á civilização christã.

E' de lamentar que a ambição dos povos descobridores manchasse a gloria de tamanhos feitos com a vergonha do trafico dos negros e canalizasse para as colonias da America as correntes da es-cravação.

Das grandes invenções resta dizer duas palavras acerca da polvora. Conheciam-na desde seculos os Chineses, mas não a empregavam em fins bellicosos. Foram os Arabes os primeiros que a utilizaram para lançar projectis, no sec. XIII. Ja antes se empregava, no imperio byzantino, o *fogo grego*. No sec. XIV já havia canhões na Italia; mas eram pesados, grosseiros, de difficil manejo. Em França a primeira artilharia regular só se organiza nos fins da Guerra dos Cem Annos. Dizia um critico espirituoso que as primeiras armas de fogo faziam mais barulho do que mal aos inimigos.

Foram-se aperfeiçoando, porém, pouco a pouco, até attingirem o grau de effi-ciencia destruidora de hoje. E' coisa profundamente lamentavel que os homens não consigam acabar com as guerras — os maiores flagellos da humanidade. Todos os esforços devem convergir para reduzi-las a um minimo: o da legitima defesa das nações injustamente aggreddas. Só estas são guerras justificaveis; as de conquista, filhas da ambição e do orgulho dos mais fortes, merecem a mais vehemente reprovação dos homens verdadeiramente cultos. E é na escola primaria, desde os primeiros alvares da ra-

zão, que cumpre ensinar ás crianças não consistir o patriotismo no desprezo dos povos mais fracos, e sim no culto da Patria forte pela virtude, pela justiça, respeitadora do direito alheio, mesmo quando este não se pode defender com armas na mão.

O Brasil, aliás, o tem feito sempre: não admitte guerras de conquista, nem jámais retalhou o territorio dos vencidos. Tem tido grandes cabos de guerra — um Caxias é só por si exemplo admiravel — mas nunca foi nação aggressiva.

Sempre temos reconhecido o influo benéfico exercido pelos grandes vultos humanos, que são os *constructores*, e não os *destruidores*. Taes, no Oriente, um Çakya Muni e um Confucio, ou — maior que todos — o inspirado Moysés. Socrates, Platão e Aristoteles foram maiores que Alexandre, para o bem da humanidade. Um Luis IX, uma Joanna d'Arc, um Ignacio de Loyola, um Anchieta, valem mais que um Mahomet ou um Napoleão, na ordem moral.

Que dizer de um Washington, na ordem politica, ou de um Pasteur na sciencia?

E com que palavras poderíamos situar bem no quadro da civilização a figura do Christo, o Divino Mestre, cujo Calvario é, como já se escreveu, «o ponto culminante da Historia?»

JONATHAS SERRANO.

Geographia

Atmosfera — Meteoros

Sabeis que a Terra é um corpo arredondado, aproximadamente como uma laranja, apresentando leve achatamento, em dois pontos oppostos, a que chamamos *polos*.

O achatamento da Terra, sabeis tambem, é tão diminuto, que não temos geito de o representar quando fazemos uma imagem reduzida da Terra, e somos obrigados a representá-la por uma bola, ou esphera, sem achatamento algum.

Essa bola está solta no espaço, a girar sobre si mesma e a caminhar em torno do Sol.

Pois bem. Hoje apprendereis que a Terra é envolvida por uma camada gazo-

sa, que está adherente a ella, e é com ella levada em seus movimentos. A essa camada gazosa damos o nome de *atmosfera*, ou *envoltorio de ar*, ou *camada de ar*.

E que é o ar? O ar, ou ar atmosphérico, é uma mistura de varios gazes, dos quaes dois são principaes: o oxygeno e o azóte. Esses gazes, bem como os outros que existem em menor proporção na atmosfera, nós não os podemos vêr, mas os percebemos de varios modos.

Não vemos o ar, mas percebemos-lhe o peso, e percebemos-o tambem quando se move, pois é elle que então produz o vento.

Ha um aparelho, com que medimos a pressão atmosphérica, isto é, o peso exercido pelo ar sobre a terra, e sobre o nosso proprio corpo. A este aparelho damos o nome de barometro.

Passam-se no ar varios phenomenos, de que são mais importantes os *ventos* e as *chuvas*.

O *vento* não é mais do que o ar em movimento. Pode ser brando ou violento, conforme a velocidade. Ha um aparelho, com que se mede a velocidade ou intensidade dos ventos: é o anemometro. Ha um, com que se observa a direcção em que elles sopram: é o cata-vento.

As chuvas são produzidas pela agua evaporada dos mares, dos lagos, etc Essa agua, sob a influencia do calor e da ventilação, passa ao estado de vapor e sobe para as camadas mais altas da atmosfera, onde se condensa, isto é, onde passa novamente ao estado liquido, sob a forma de gottinhas. E' a reunião dessas gottinhas que forma as nuvens.

Afinal, a massa dagua constituida por um numero incalculavel de gottinhas se despenha das partes altas da atmosfera: é a chuva que cáe.

O ar, em contacto com a terra quente do Sol, aquece-se tambem. O instrumento com que medimos o gráo de calor do ar, isto é, a temperatura do ar, ou temperatura ambiente, denomina-se *thermometro*.

O ar é condição essencial para a vida de todos os seres, sejam animaes, sejam vegetaes. Não poderíamos viver sem ar.

E' elle tambem quem nos dá, por um phenomeno que se passa nas altas ca-

madras, a impressão dessa vasta aboboda azul, a que chamamos céu. Nelle é que se formam as nuvens.

Através do ar voam as aves e hoje tambem o homem aprendeu a voar, por meio de engenhosos aparelhos que inventou, os balões e os aeroplanos.

O ar tem grande influencia sobre o homem. E' por causa dos phenomenos da atmosfera que sentimos frio ou calor, e ao conjuncto das condições atmosphéricas de um logar formam, em geral o que se denomina o clima.

Mais tarde tereis de estudar com maior minuciosidade os phenomenos atmosphéricos, de que hoje só vos posso

dar uma breve idéa, sufficiente por emquanto. O estudo dos phenomenos atmosphéricos constitue hoje uma grande sciencia, a que chamamos meteorologia. E' este um importantissimo ramo do saber humano. Basta considerar que a meteorologia nos ensina a prevêr o tempo que vae fazer, isto é, a dizer com muitas probabilidades de acerto que amanhã vae chover ou vae fazer um bello dia de sol, para se comprehender que muito notavel deve ser essa sciencia, da qual ainda ha de tirar o homem enormes beneficios no futuro, quando ella dispuzer de elementos mais seguros.

OTHELLO REIS.

LINGUA MATERNA

1º ANNO

Lição de uma flor (Conto)

A manhã estava feia e muita gente ficara em casa, temendo a chuva, mas os pobres operarios, que prejudicariam o trabalho, si a elle faltassem e no dia seguinte não teriam alimento para os filhinhos, sahiram, como sempre acontece.

Ora, entre os operarios do mundo, ha uma classe muito numerosa, unida, interessante, e bastante perigosa si a aborrecemos. São as abelhas.

Tambem ellas sahiram porque era preciso terminar as paredes do cortiço e principiar o fabrico do mel.

Voavam alegres, zumbindo e agitando as azas de ouro, quando uma nuvem negra se formou. A mais velha, bem experimentada, mostrou-lhes o perigo que as ameaçava. Estabeleceu-se logo immensa confusão: umas queriam voltar, outras desejavam continuar, na esperança de encontrar esconderijo. Estando já longe a colmeia, venceram as ultimas. Instantes depois, grossos pingos começaram a cahir, tonteando-as, quasi atirando-as ao chão. Passavam neste momento por um pé de trombetas, flores grandes, simples e brancas, que não se elevam na haste, mas pendem e á noite desprendem seu activo perfume. Ha-

via-as muitas e abrigaram no centro de sua corolla todas as abelhinhas, apesar de que algumas as chamavam feias e sem perfume. Um dos insectos, com delicado accento, começou a conversar com a flor que o abrigara, e ouviu: «Minhas irmãs são bellas, são mimosas e têm vestes elegantes, mas todas recortadas, mal sopra mais forte a brisa, leva-lhes as peças do rico vestuario, deixando-as despidas e feias tambem; além disso agasalham a formiga e não vos podem abrigar, apezar de serdes tão uteis ao homem. Eu sou feia, meu vestido tem uma peça unica e só á noite encho o ar de meu perfume, mas tenho a felicidade de proteger ao mesmo tempo muitas de vós. Estou satisfeita com a minha sorte.»

Cessara a chuva, as abelhas, beijando, agradecidas, as trombetas hospitaleiras, voaram em busca de flores de laranjeira que lhes dão farto mel.

Este conto tem por fim despertar a atenção das crianças para os factos naturaes, manancial inexgotavel de ensinamentos; demonstrar-lhes que, muitas vezes, os seres mais simples e desgraciosos são os que melhores serviços nos prestam, e, realçando a felicidade da trombeta, que chegou a bem,

dizer sua forma simples, inteiriça e pendente, porque lhe permite abrigar as abelhas, mostrar que devemos experimentar igual ventura quando servimos a nossos semelhantes.

2º ANNO

Dictado — O segredo de Bebê

A criança, em férias, preparava se para a encantadora festa do Natal e esperava, ansiosa, o presente desse dia. Grande era o movimento em casa de Bebê: limpavam e enfeitavam tudo, e o papae trazia, todas as tardes, embrulhos que a mamãe guardava sem abrir.

Adivinhando serem as festas do Natal, Bebê pediu aos paes que não se esquecessem das filhinhas da cozinha.

3º ANNO

Carta a um priminho

Tratamento — você.

Convidar vosso priminho a passar em vossa casa alguns dias das férias.

Falae-lhe no goso que ahi o espera: a natureza bellissima, os gorgeios dos passaros, os deliciosos frutos, a companhia de vossos irmãos e vossa, e os cuidados frequentes da mamãe.

Despedida.

4º ANNO

As festas do Natal — Conto

Além, entre copadas e floridas acacias está a casa muito branca de modesto lavrador. Desde moço habituara-se ao trabalho do campo, dedicara-se com muito amor ao amanho da terra, que, em recompensa, dava-lhe boa colheita.

Este anno, porém, a geada e os vendavaes estragaram-lhe a plantação e parca foi a messe. Era esta a razão de estar tristonho nessa noite em que todos sentiam alegria — a vespera de Natal.

Vira cahir a noite e pensava que, ao contrario dos outros, não poderia encher os sapatinhos de sua querida Helenita de brinquedos e gulodices — as festas do Natal.

O que apurara com a venda da colheita fôra pouco para cobrir as despêsas. Mergulhado naquella amargura, elle estendeu o olhar além, e, demorando-o no sino da capellinha muito branca, cogitava um meio de proporcionar algum jubilo a sua querida filhinha, seu thezouro, satisfazendo-lhe um sonho ha muito acalentado — um livro de historias.

Mas... como obtê-lo?

A meditar, as mãos nos bolsos, o queixo enterrado no peito, elle passeava entre as acacias e pedia a Deus protecção.

De repente, como scentelha luminosa, uma idéa feliz veio tirá-lo daquella tristeza. Restava-lhe um relógio que pertencera a seus antepassados, verdadeira reliquia da familia e que, por herança, lhe viera ter ás mãos; não devia desfazer-se definitivamente d'elle, mas poderia empenhá-lo e apuraria a somma necessaria.

Embóra sentisse confranger-se-lhe o coração, aceitou essa idéa, pois era o unico meio de dar á filhinha já orfã de mãe, um pouco de alegria, e, mais rapido que o proprio pensamento, foi á casa, tomou o objecto, e dirigiu-se á villa, onde, com os olhos cheios de lagrimas, empenhou a joia recebida de seu pae, ao expirar. Com o dinheiro obtido, comprou para Helenita — as festas do Natal.

Já a lua aclarava os caminhos tortuosos e o sino da ermida chamava os fieis para assistirem á missa do gallo, quando o lavrador chegou á casa.

Foi direito ao quarto da adorada criança e, vendo-a dormir com um sorriso nos labios, depositou em seus velhos sapatinhos aquella lembrança, beijou-a e recolheu-se ao quarto, antegosando, mais calmo, o prazer que sentiria Helenita, vendo, ao despertar no dia de Natal, que o bondoso papá Noel não na esquecerá.

5º ANNO

Dictado — A carnaúba

No deserto sem arvores, só ella, Erecta e verde, ao sol, ao sol resiste. Do flagello no horror, só ella é bella, Na tristeza, só ella não é triste!

Quando a secca voraz tudo consome, Queima, sécca, devasta e assola, — vêde: E' ella apenas que me mata a fome, E' ella ainda que me mata a sêde!

Pois si em ondas de fogo, um sol violento Espalha em torno a assolação e a magoa, Della tiro o meu unico alimento, Extraio della as minhas gottas d'agua.

Bem dita sejas tu, pois de ti perto, Não se abrem nunca os braços de uma cruz; Carnaúba, palmeira do deserto, Ilha verde de um mar de fogo e luz!

Não se dispensará o professor de aproveitar o ensejo de falar a seus alumnos na geographia do nordeste brasileiro; no flagello terrível da secca, hoje attenuado com o estabelecimento de açudes e nas applicações multiplas da carnaúba, planta verdadeiramente providencial para aquella região.

6º ANNO

Distinguir *que* conjuncção integrante, comparativa e intensiva.

Papae deseja que voltes hoje. O homem falou tanto, que enrouqueceu. Carlos é mais intelligente que o irmão. Elle é tão ingrato que, por mais que faças, nada mereces. O homem pensa que é o rei da criação. Lucio pede que te afastes. Conto que venhas. Espero que trabalhes muito. Carlinda gosa menos saude que eu. E's tão boa que me perdoarás esta falta. Falas de tal modo que todos te entendem. Compraste menos livros que teu irmão. De tal maneira te apresentas que somos forçados a ouvir-te. O trabalho intellectual fatiga mais que o material. O rio tinha tanta agua, que se espraçou pelos terrenos proximos. Permitta Deus que te restabeleças breve. «O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever».

7º ANNO

Imaginae-vos organizando, com outras amiguinhas, uma festa em beneficio das criancinhas pobres de vosso bairro, e descrevei-a com os possiveis detalhes.

ENSINO SCIENTIFICO**Arithmetica**

4º ANNO

Vimos em nossa ultima lição que a fracção $\frac{3}{7}$ cujo denominador não contem absolutamente os factores de 10, os factores 2 e 5, convertida em decimal dava logar a um quociente illimitado e periodico, devendo dar-se caso identico sempre que o denominador fosse, como 7, um numero primo com 10 e portanto primo com 2 e com 5

Effectivamente, quando se converte uma fracção ordinaria irreductivel em decimal, já o explicámos minuciosamente o processo consiste em se multiplicar o numerador por uma potencia de 10, d'onde resulta tornal-a multiplo de 10 e portanto de 2 e de 5; ora, se o denominador

não contiver nenhum destes factores, é claro que a divisão nunca se fará exactamente (v. lições anteriores) e portanto o quociente será illimitado; por outro lado, havendo sempre resto e sendo este forçosamente menor do que o divisor, applicando-se sempre a cada resto o processo da conversão e sendo o divisor constante, é evidente que depois de um certo numero de divisões, no maximo tantas quantas as unidades do divisor menos uma, recair-se-ha infallivelmente na situação inicial, e a operação passará pelas mesmas phases, dando logar aos mesmos algarismos no quociente e assim successivamente.

Dissemos então que a fracção decimal periodica obtida era denominada *periodica simples*, porque toda ella era constituída pelo periodo, repetido indefinidamente, e só pelo periodo, pois que durante toda a serie de divisões effectuadas a situação era sempre a mesma, cada

LEQUES FINOS para noivas,
LUVAS e artigos, de novidade na

Casa Cavanelas, Ouvidor, 178

dividendo parcial era sempre primo com o divisor.

Tomámos depois a fracção $\frac{5}{6}$, cujo denominador contem um dos factores de 10, e factor 2; applicámos a $\frac{5}{6}$

o processo da conversão e verificámos que o quociente obtido era tambem illimitado tambem periodico, mas os periodos não surgiam logo após a virgula, que entre a virgula e o primeiro periodo havia no quociente um algarismo que se não repetia; e a esse algarismo, no caso em questão, ou a um grupo de algarismos nessas condições, dissemos, chamava-se a parte não periodica, denominando-se a fracção decimal—periodica composta.

Vejamos hoje a explicação do caso e qual deve ser o numero de algarismos da parte não periodica.

Seja, para exemplo, a mesma fracção $\frac{5}{6}$, que é igual a $\frac{5}{2 \times 3}$.

A fracção $\frac{5}{6}$ pode ser desdobrada em duas, da maneira seguinte:

$$\frac{5}{6} = \frac{3}{6} + \frac{2}{6}$$

ou, simplificando:

$$\frac{5}{6} = \frac{1}{2} + \frac{1}{3}$$

Ora, a fracção $\frac{1}{2}$, que tem para denominador um dos factores de 10, póde ser convertida em decimal desde que lhe multipliquemos ambos os termos por 5 (v. a ultima lição):

$$\frac{1}{2} = 0,5; \text{ logo,}$$

$$\frac{5}{6} = 0,5 + \frac{1}{3}$$

Convertendo-se a fracção $\frac{1}{3}$ forma decimal, o que nos conduz fatal-

mente a uma periodica simples, teremos:

$$\begin{array}{r} 10 \quad | \quad 3 \\ 10 \quad 0,333\dots \\ 10 \end{array}$$

isto é, que

$$\frac{5}{6} = 0,5 + 0,333\dots = 0,83333\dots$$

A fracção dada, pois, como outra qualquer irreductivel cujo denominador contenha não só algum ou ambos os factores de 10 como outros que lhe sejam extranhos póde ser considerada como uma somma de duas parcelas, das quaes —uma constituida por fracção cujo denominador contenha sómente um ou ambos os factores de 10—a outra constituida por fracção cujo denominador contenha apenas factores primos differentes de 2 e de 5; ora, a 1ª parcella convertida em fracção decimal, já o sabemos, dá logar a uma decimal finita com tantas casas decimales quantas fôrem as unidades do maior expoente de 2 ou de 5 no respectivo denominador; a 2ª dá forçosamente logar a uma periodica simples.

A somma das duas, pois, ha de alterar tantos algarismos da periodica simples quantas forem as ordens decimales que constituam a decimal finita; logo, a parte não periodica ha de ter tantos algarismos quantas as ordens da decimal finita contida na fracção dada, a qual por sua vez tem tantas ordens decimales quantas as unidades do maior expoente de 2 ou de 5 no denominador da fracção dada.

No caso do nosso exemplo, tendo a decimal finita apenas uma ordem, a somma das duas só deu logar a alteração em um unico algarismo da periodica.

Conclúe-se do exposto que a fracção ordinaria cujo denominador contem um ou ambos os factores de 10 de envolta com outros estranhos, convertida a decimal, dá logar a uma decimal periodica composta, tendo a parte não periodica tantos algarismos quantas as unidades do maior expoente de 2 ou de 5 no denominador.

Poderíamos chegar ao mesmo re-

sultado e portanto ao mesmo principio, reduzindo a fracção dada a uma differença em que o minuendo fosse constituido por uma fracção cujo denominador só contivesse factores primos differentes de 2 e de 5, e o subtrahendo por outra fracção cujo denominador só contivesse os factores 2 e 5 ou, ao menos, um d'elles.

Retomemos a fracção $\frac{5}{6}$ e desdo-

bre-mol-a em duas outras: $\frac{8}{6}$ e $\frac{3}{6}$

Teremos:

$$\frac{5}{6} = \frac{8}{6} - \frac{3}{6}$$

$$\text{ou } \frac{5}{6} = \frac{4}{3} - \frac{1}{2}$$

Convertendo a fracção $\frac{4}{3}$ á forma decimal, teremos:

$$\begin{array}{r} 4 \quad | \quad 3 \\ 10 \quad 1,333\dots \\ 10 \\ 10 \\ 1 \end{array}$$

Convertendo a fracção $\frac{1}{2}$ á forma decimal, teremos:

$$\frac{1}{2} = 0,5$$

logo,

$$\frac{5}{6} = 1,3333\dots - 0,5 = 0,8333\dots$$

Comprehende-se facilmente que—tendo a decimal finita apenas uma casa decimal, ella só poderia modificar um algarismo da periodica simples, dando assim logar a que houvesse um algarismo não repetido a constituir a parte não periodica.

—Para se indicar que uma fracção decimal é periodica, simples ou composta, ou se escreve duas vezes o periodo accrescentando-se reticencias, ou apenas uma vez mas encerrada num colchete,

ou ainda uma só vez mas por baixo de uma linha horizontal.

Exemplos:

$$\begin{array}{l} 0,1425714257\dots \\ 0,[14257] \\ 0,14257 \\ 0,37854854\dots \\ 2,37[854] \\ 5,37854 \end{array}$$

Consideremos agora dadas as fracções decimales periodicas simples ou compostas e procuradas as fracções ordinarias que lhes deram origem ou, para dizermos com mais propriedade, as fracções ordinarias de cujo valor se approximam cada vez mais as periodicas sem que o atinjam em absoluto, ou ainda, conforme já foi estudado, a fracção ordinaria limite da periodica de que se trate.

Seja a periodica simples

$$0,746746\dots$$

Designemol-a pela letra x e teremos assim;

$$x = 0,746746746\dots$$

Se multiplicarmos ambos os membros d'esta igualdade por 1000, o que equivale na fracção decimal a caminhar com a virgula tres casas para a direita e passar portanto um periodo para a parte inteira, teremos:

$$1000x = 746,746746\dots$$

Se d'esta segunda igualdade subtrahirmos a primeira, teremos:

$$\begin{array}{r} 1000x - x = 746,746746\dots - \\ - 0,746746746\dots \end{array}$$

Effectuadas as operações indicadas, teremos:

$$999x = 746 - 0,000000\dots = 746$$

Se dividirmos ambos os membros d'esta igualdade por 999, attendendo a que o 2º membro é representado por uma differença e que—para se dividir uma differença por um numero, basta dividir por esse numero o minuendo e o subtrahendo e tomar a differença entre os dous

quocientes (v. lições anteriores) teremos:

$$\frac{999 \times}{999} = \frac{746}{999} - \frac{0,000000...746}{999}$$

Simplificando o 1º membro:

$$x = \frac{746}{999} - \frac{0,000000...746}{999}$$

O valor de x está representado por uma diferença entre duas fracções: a primeira, a fracção minuendo tem para numerador um dos periodos e para denominador um numero que se escreve com tantos noveos quantos são os algarismos do periodo; a segunda, a fracção subtrahendo, corresponde a uma grandeza tanto menor quanto maior for o numero de periodos considerados; assim se tivermos tres periodos, ella representará 999 avos de 746 bilionesimos; se considerarmos quatro periodos, já teremos 999 avos de 746 trillionsimos, e assim por diante; comprehende-se pois que podemos tornar esta fracção subtrahendo menor do que qualquer grandeza dada por menor que esta seja; bastando para isso considerar cada vez maior numero de periodos; assim, e conforme já sabemos por estudos anteriores, ella tem para limite zero, podendo portanto ser desprezada; teremos pois,

$$\lim. x = \frac{746}{999}$$

e como

$$x = 0,746746746...$$

$$\lim. 0,746746746... = \frac{746}{999}$$

Póde-se pois afirmar que qualquer fracção decimal periodica simples tem para limite uma fracção ordinaria cujo numerador é um dos periodos, sendo o denominador um numero que se escreve com tantos noveos quantos os algarismos do periodo.

Se a periodica apresentasse parte inteira, é claro que ella acompanharia a fracção, formando com ella um numero mixto.

Assim,

$$2,373737... = 2 + 0,3737...$$

ou

$$2 + \frac{37}{99}$$

ou effectuando a somma:

$$\frac{2 \times 99 + 37}{99} = \frac{198 + 37}{99} = \frac{235}{99}$$

Se tivessemos multiplicado a parte inteira (2) por 100 e não por 99, e ao producto tivessemos sommado 37 teriamos 237; é evidente que neste resultado ha mais uma vez 2 do que seria necessario para o calculo estar certo; logo, se de 237 subtrahirmos 2, teremos corrigido o erro, e o resultado ficará certo.

Assim,

$$2 + 0,3737... = 2 + \frac{37}{99} = \frac{237 - 2}{99} = \frac{235}{99}$$

D'ahi a regra pratica:

Quando a periodica simples apresenta parte inteira, a fracção limite tem para numerador a parte inteira seguida de um dos periodos, menos a parte inteira; e para denominador um numero que se escreve com tantos noveos quantos são os algarismos do periodo.

Estando, como devem estar, os alumnos já habituados ao uso do parenthesis, é facil chegar á mesma regra, usando do mesmo raciocinio, mas com a seguinte notação:

$$\frac{2 \times 99 + 37}{99} = \frac{2(100 - 1) + 37}{99}$$

$$= \frac{2 \times 100 - 2 \times 1 + 37}{99} = \frac{200 - 2 + 37}{99} = \frac{200 + 37 - 2}{99} = \frac{237 - 2}{99} = \frac{235}{99}$$

Na pratica, substitúe-se a decimal periodica ou dizima periodica pela fracção ordinaria, como se representassem valores absolutamente iguaes; o erro commettido podendo ser sempre menor do que qualquer grandeza dada por menor que esta seja, torna-se por assim dizer inapreciavel e não póde por isso influir nos resultados praticos.

Diz-se então que a fracção ordinaria é a *geratriz* da periodica, isto é—é a fracção ordinaria que convertida em decimal deu origem á dizima periodica.

—Seja agora a dizima periodica composta

$$0,4527474....$$

Designemol-a pela letra x. Teremos assim:

$$x = 0,4527474....$$

Multiplicando-se ambos os membros d'esta igualdade por 1000, o que equivale a caminhar com a virgula tres casas para a direita e passar portanto a parte não periodica para a parte inteira, teriamos:

$$1000 x = 452,7474...$$

Multiplicando-se ambos os membros da mesma igualdade (1ª) por 100000, o que equivale a caminhar com a virgula cinco casas para a direita e passar portanto para a parte inteira a parte não periodica e um periodo, teremos:

$$100000 x = 45274,7474...$$

Subtrahindo desta igualdade a anterior, virá

$$100000 x - 1000 x = 45274,7474... - 452,747474...$$

Effectuando as operações indicadas,

$$99000 x = 45274 - 452,0000...74$$

Dividindo ambos os membros d'esta ultima igualdade por 99000 teremos:

$$\frac{99000 x}{99000} = \frac{45274 - 452,0000...74}{99000}$$

Simplificando o 1º membro:

$$x = \frac{45274 - 452,0000...74}{99000}$$

Attendendo a que 452,0000...74 póde ser desdobrado em uma somma de duas parcelas ou 452 + 0,0000...74 teremos:

$$x = \frac{45274 - (452 + 0,0000...74)}{99000}$$

Sabendo que para se dividir uma diferença por um numero basta dividir por esse numero o minuendo e o subtrahendo e tomar a diferença entre os dous quocientes, virá:

$$x = \frac{45274}{99000} - \frac{(452 + 0,0000...74)}{99000}$$

ou

$$x = \frac{45274}{99000} - \left(\frac{452}{99000} + \frac{0,0000...74}{99000} \right)$$

E como para se subtrahir de um numero uma somma basta subtrahir successivamente d'esse numero cada uma das parcelas da somma, teremos:

$$x = \frac{45274}{99000} - \frac{452}{99000} - \frac{0,0000...74}{99000}$$

ou

$$x = \frac{45274 - 452}{99000} - \frac{0,0000...74}{99000}$$

e como a fracção $\frac{0,0000...74}{99000}$

póde ser considerada menor do que qualquer grandeza dada por menor que esta seja (v. explicação anterior) tendo

assim como limite zero e podendo portanto no limite ser desprezada, teremos :

$$\lim. x = \frac{45274-452}{99000}$$

finalmente, sendo $x = 0,4527474\dots$

$$\lim. 0,4527474\dots = \frac{45274-452}{99000}$$

isto é, que a fracção decimal periodica composta tem para limite uma fracção ordinaria cujo numerador é constituido por uma differença em que o minuendo é a parte não periodica seguida de um periodo, e o subtrahendo é a parte não periodica, e cujo denominador é um numero que se escreve com tantos noves quantos são os algarismos de um periodo, seguidos de tantos zeros quantos os algarismos da parte não periodica.

—Quando a dizima periodica apresenta parte inteira, esta acompanhará a fracção formando com ella um numero mixto.

Assim,

$$3,4527474\dots =$$

$$= 3 + 0,4527474\dots$$

ou

$$3 + \frac{45274-452}{99000} =$$

$$= \frac{3(100000-1000) + (45274-452)}{99000} =$$

$$= \frac{300000-3000+45274-452}{99000} \quad \text{ou}$$

effectuando as operações indicadas no numerador e attendendo a que subtrahir 3000 e depois subtrahir 452 é o mesmo que subtrahir de uma vez a somma de 3000 com 452 ou 3452, teremos :

$$\frac{300000+45274-(3000+452)}{99000}$$

ou finalmente

$$\frac{345274-3452}{99000}$$

D'ahi a regra pratica :

Quando a dizima periodica composta apresenta parte inteira, a fracção ordinaria limite tem para numerador—a parte inteira seguida da parte não periodica e um periodo, menos a parte inteira seguida da parte não periodica, e para denominador—um numero que se escreve com tantos noves quantos os algarismos de um periodo seguidos de de tantos zeros quantos os algarismos da parte não periodica.

—Poderíamos dar outra forma a fracção limite, empregando na sua pesquisa outro raciocinio; o resultado bem se comprehende, não poderia ser differente do que já obtivemos, pois que a mesma periodica não poderia ter limites varios ou varias geratrizes; entretanto, e como mais rapidamente se chega ao fim almejado por esta nova orientação, daremos aqui em breves palavras a marcha o adoptar e a regra a observar na pratica.

Seja ainda a periodica composta.

$$0,4527474\dots$$

Designando-a por x teremos :

$$x = 0,4527474\dots$$

Multiplicando ambos os membros d'esta igualdade por 1000 virá :

$$1000x = 452,7474\dots$$

Recahimos assim numa dizima periodica simples com parte inteira.

Substituindo a periodica pela fracção limite, teremos :

$$1000x = 452 \frac{74}{99} \quad \text{ou}$$

$$1000x = \frac{452 \times 99 + 74}{99}$$

Dividindo-se ambos os membros d'esta ultima igualdade por 1000, e attendendo a que para dividir uma fracção por 1000 basta multiplicar por 1000 o seu denominador, teremos :

$$\frac{1000x}{1000} = \frac{452 \times 99 + 74}{99 \times 1000} \quad \text{ou}$$

$$x = \frac{452 \times 99 + 74}{99000}$$

isto é, que a fracção ordinaria limite de uma dizima periodica composta tem para numerador a parte não periodica multiplicada por um numero que se escreve com tantos noves quantos são os algarismos de um periodo mais um periodo ; e para denominador—um numero que se escreve com tantos noves quantos são os algarismos do periodo, seguidos de tantos zeros quantos os algarismos da parte não periodica.

Sendo o denominador o mesmo mencionado na regra anterior, basta que se evidencie serem de igual valor os numeradores.

Tinhamos chegado pela 1ª regra á fracção $\frac{45274-452}{99000}$ e pela segunda á

$$\text{fracção } \frac{452 \times 99 + 74}{99000}$$

$$\text{Ora, } 452 \times 99 + 74 =$$

$$= 452 \times (100 - 1) + 74 =$$

$$= 452 \times 100 - 452 \times 1 + 74 =$$

$$\begin{aligned} &= 45200 - 452 + 74 = \\ &= 45200 + 74 - 452 = \\ &= 45274 - 452 \end{aligned}$$

logo,

$$\frac{45274-452}{99000} = \frac{452 \times 99 + 74}{9000}$$

Na pratica, a fracção limite é considerada igual á dizima periodica, empregando-se uma pela outra nos calculos; o erro commettido podendo sempre ser menor do que qualquer grandeza dada, por menor que esta seja, póde e deve sempre ser desprezado.

Terminamos hoje o programma do 4º anno de estudos primarios de arithmetica. Na 1ª lição do 5º e ultimo, segundo o plano por nós traçado, trataremos do estudo da —potencia—dentro dos limites de um curso primario.

OLYMPIA DO COUTTO

(Continúa)

UNIÃO MANUFACTORA DE ROUPAS

Proprietaria das maiores fabricas de roupas brancas da America do Sul

(Sociedade Anonyma)

CAPITAL INTEGRALIZADO 1.500:000\$000

FABRICAS :

RUA HADDOCK LOBO, 406, 408, 410 e 412—RUA GONÇALVES CRESPO, 43 e 45

RUA DR. ARISTIDES LOBO, 94 e 96

Departamento de Vendas-Geraes—RUA DR. ARISTIDES LOBO, 94 e 96

Escriptorio—RUA HADDOCK-LOBO, 406, 408, 410 e 412

Os preços marcados nas perfumarias expostas na
«PERFUMARIA Á GARRAFA GRANDE»
não admitem confronto
66, Rua Uruguayana, 66 — RIO

<p>KOLA TENO</p>	<p>O MAIOR TONICO da fadiga nervosa, da fadiga cerebral, da depressão em geral Composição de kola fresca, malt e phosphato de sodio Licença da Saude Publica n. 726</p>	<p>BOLDENO</p>	<p>Corrige a insuficiencia hepatica, biliar, a congestão chronica do figado dos dyspep- ticos e a retenção biliar na vesicula. BASE: boldo, pichi e benzoato de sodio Licença da Saude Publica n. 767</p>
<p>CASCARENO (Cascarina Glycerinada)</p>	<p>Sem igual para combater a prisão de ventre habitual e a dyspepsia gastrica Reeduca o intestino Licença da Saude Publica n. 96</p>	<p>VALERENO</p>	<p>Indicado contra: espasmos, hysteria e accidentes nervosos ligados a este estado. BASE: valeriana fresca esterilizada e simulo Licença da Saude Publica n. 767</p>

RANGEL COSTA & C. — 83, Rua da Assembléa, 85 — RIO DE JANEIRO

MOVEIS DE ARTE

Decorações interiores
Tapetes modernos

Tendo em vista a qualidade, os nossos preços são
SEMPRE OS MENORES, porque tudo fabricamos
ou directamente importamos.

LEANDRO MARTINS & C^a

93 — Ouvidor — 95 41 — Ourives — 43

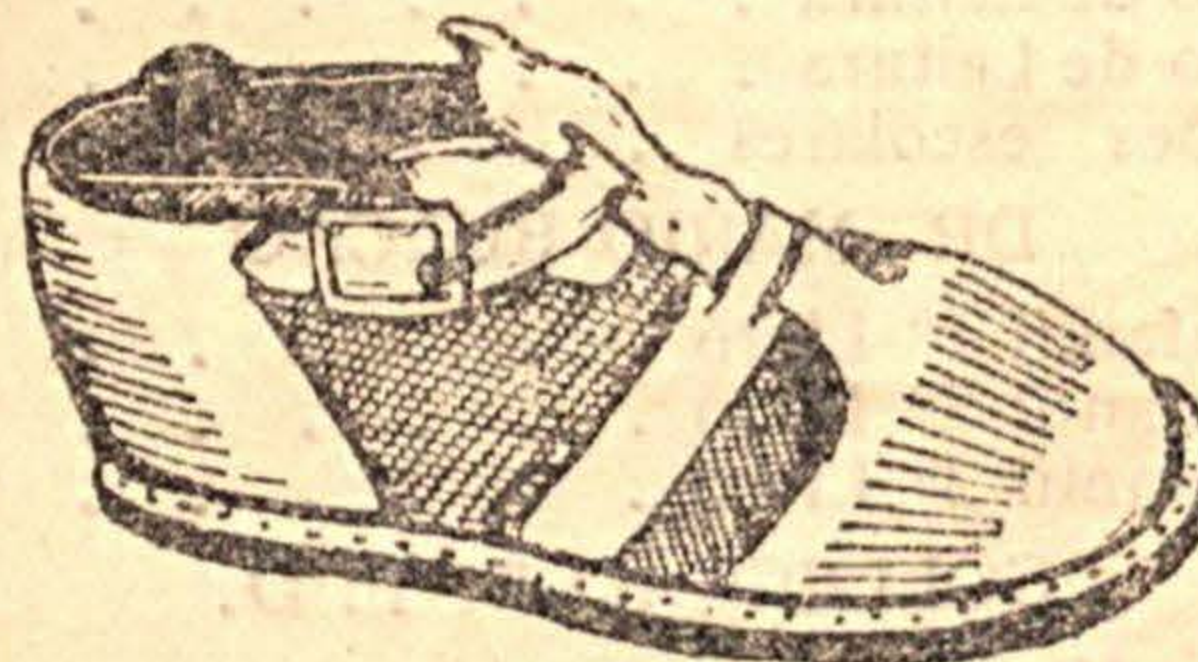
Casa Guiomar

Calçado "dado"

A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

AVENIDA PASSOS, 120—Rio

A CASA GUIOMAR lança no mercado mais uma
marca de sua criação



BA-TA-CLAN

Em vaqueta escura:

de ns. 17 a 26.....	5\$500
de ns. 27 a 32.....	6\$500
de ns. 33 a 40.....	8\$500

Envernizadas:

de ns. 17 a 26.....	8\$000
de ns. 27 a 32.....	10\$000
de ns. 33 a 40.....	12\$000

Pelo Correio, mais 1\$500 por par

Remettem-se catalogos illustrados gratis para o
interior a quem os solicitar.

Pedidos a JULIO DE SOUZA

VILLA DE PARIS

Uniformes e enxovaes para collegiaes
Camisaria - Gravataria Roupas
feitas - Tecidos de lã e algodão

35, RUA DOS OURIVES, 35
RUA BUENOS AIRES, 76 - Rio



O que o doente sente
com o uso do «ELIXIR
DE INHAME»

Com o tratamento pelo
Elixir de Inhame, o doen-
te experimenta uma gran-
de transformação no seu
estado geral; o apetite
aumenta, a digestão se
faz com facilidade (devi-
do ao arsenico) a cor tor-
na-se rosada, o rosto mais
fresco, melhor disposição
para o trabalho, mais for-
ça nos musculos, mais re-

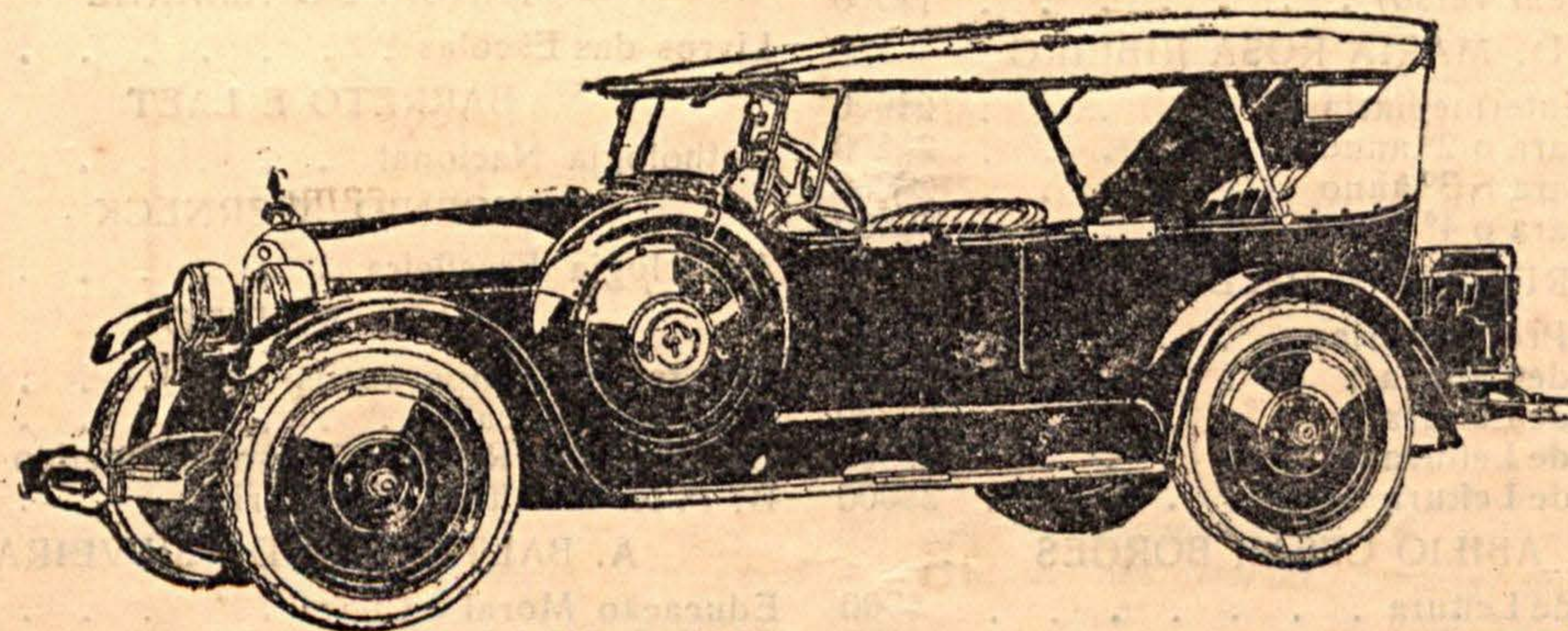
sistencia á fadiga e respiração facil. O
doente torna-se florescente, mais gordo e
sente uma sensação de bem estar muito
notavel.

Modo de usar: O Elixir de Inhame Goulart
deve ser usado na dose de uma
colher depois de cada refeição.

Depura - Fortalece - Engorda

«NASH» o carro ideal

Notavel pela sua belleza, força, Commodidade, duração e economia.
O carro NASH é o que mais convem para o serviço da praça, não só pelas suas qualidades
como pelas vantagens que offerece aos chauffeurs e particulares
VENDA A LONGO PRAZO



OS NOVOS MODELOS DOS CARROS NASH DE 4 E 6 CYLINDROS

AUTO GERAL

Companhia Commercial e Maritima
RUA BENEDICTINOS, 1 a 7 — (Esq. da Av. Rio Branco) RIO DE JANEIRO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166

Rua Libero Badaró, 19

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

HILLARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional	\$600
2º Livro de Leitura	1\$000
3º Livro de Leitura	1\$000
4º Livro de Leitura	1\$000

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia	\$60
2º Livro de Leitura	1\$50
3º Livro de Leitura	2\$50

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	3\$500
5º Livro de Leitura	3\$500

SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica	1\$500
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	3\$000
O Livro de Leitura	2\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães	1\$000
Primeiras Leituras	2\$000
Leituras Moraes	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura	1\$500
Cartilha	1\$800
Leitura Preparatoria	2\$500
1º Livro de Leitura	2\$500
2º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	4\$000

JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500
4º Livro de Leitura	3\$500
5º Livro de Leitura	4\$000
Leituras Praticas	3\$000
Fabulas (em verso)	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria	2\$000
Leitura para o 2º anno	2\$500
Leitura para o 3º anno	2\$000
Leitura para o 4º anno	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias	2\$000
1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500
4º Livro de Leitura	3\$000

ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura	\$900
Novo 1º Livro de Leitura	1\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500

SABINO e COSTA E CUNHA

Expositor da Lingua Materna	1\$000
Segundo Livro	1\$000
Segundo Livro	1\$000

FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler	\$500
2º Livro de Leitura	1\$600
3º Livro de Leitura	2\$000
Excursões escolares	1\$000

DR. MARIO BULÇÃO

Vida Infantil 1º Livro	1\$500
Vida Infantil 2º Livro	2\$000
Vida Infantil 3º Livro	2\$000

COLLECCÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro	1\$000
Novos principios de Leitura	1\$000
Guia Infantil, 1ª parte	2\$000
Guia Infantil, 2ª parte	2\$000
Guia Infantil, as 2 partes	4\$800
O 1º Livro de André 1ª parte	2\$000
O 2º Livro de André 2ª parte	2\$000
Compendio de Historia Sagrada	3\$000
Noções de Sciencias	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.)	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.)	6\$000
E. DE AMICIS — Coração	2\$000

AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios	3\$500
" " Patria Brasileira	3\$500
" " Theatro Infantil	2\$500

CORNAZ

As creanças e os animaes	1\$500
Novos Amigos	2\$070
CORREIA e BARRETO — Era uma vez	2\$000
A. M. PINTO — Proverbios populares	2\$000
BILAC e BOMFIM — Leitura Comple- mentar	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA—Céo, Terra e Mar	3\$500

TANCREDO AMARAL

Livros das Escolas	3\$000
------------------------------	--------

BARRETO E LAET

Anthologia Nacional	6\$000
-------------------------------	--------

EUGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira	6\$000
---------------------------------	--------

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos	3\$000
Selecta Classica	4\$000
DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico	3\$500
B. P. R. — Leitura Manuscripta	1\$500

A. BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica	2\$500
OLAVO BILAC—Poesias Infantis	3\$500
L. FERDINAND — Lyra das Creanças	2\$000
R. PUIGGARI — Album de Gravuras	2\$000

Remettemos o nosso catalogo gratis, para todo o Brasil

RUA BENEDICTINOS, 127 — (Esp. ds Av. Rio Branco) — RIO DE JANEIRO